

O ENSINO INTERCULTURAL DE LÍNGUA ESTRANGEIRA/ITALIANO POR MEIO DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

Profa. Dra. Denise Maria Margonari

Profa. Me. Janaína Tunussi de Oliveira

Profa. Esp. Maria Eugenia Savietto

Resumo: Dentre as diversas possibilidades de trabalho e de desenvolvimento da interculturalidade, este estudo enfoca o uso do humor, especialmente das histórias em quadrinhos, como *La Banda di Monica (A Turma da Mônica)*, para o ensino de língua estrangeira/Italiano. Para tanto, procuramos definir o que é cultura, com o propósito de explicar o ensino intercultural de línguas estrangeiras. O humor é uma ferramenta intercultural e salienta a possibilidade de se trabalhar, inclusive, com a comparação que aponta semelhanças e diferenças entre a cultura do aluno e a da língua apreendida. Sendo assim, o humor pode, também, favorecer e auxiliar a aprendizagem e o entendimento de questões de ordem linguística e social. Porém, o professor, em uma atitude facilitadora, deve estar atento aos materiais autênticos de diversos meios, para proporcionar essa experiência entre culturas na sala de aula, e fazer com que o aluno reflita, não apenas sobre a cultura ensinada, mas, também, sobre a própria cultura, traçando relações que o façam realmente aprender a língua estrangeira como prática social.

Palavras-chave: Ensino-aprendizagem. Interculturalidade. Língua estrangeira. Italiano. Histórias em quadrinhos

Abstract: Among the various possibilities of work and development of interculturality, this study focuses on the use of humor, especially on comics, like *La Banda di Monica (Monica's Gang)*, for foreign language teaching/Italian. To this end, we seek to define what is culture, in order to explain the intercultural teaching of foreign languages. Humor is an intercultural tool and emphasizes the possibility of working even with the comparison, finding parallels and differences between the student's culture and the learned language. So, humor can also encourage and assist the learning and the understanding of linguistic and social issues. However, the teacher, in a facilitative attitude, should be aware of authentic materials of various means in order to provide this experience across cultures in the classroom and make the students reflect, not only on the taught culture, but also about his/her culture itself, by tracing relationships that can make him/her learn a foreign language as a social practice.

Keywords: Teaching and learning. Interculturality. Foreign language. Italian. Comics

·Professor Assistente Doutor de Prática de Ensino e Estágio Supervisionado de Línguas Estrangeiras e de Língua Portuguesa, Departamento de Didática – UNESP/Araraquara, São Paulo, Brasil, denisemargonari@fclar.unesp.br

·Professora Coordenadora na Secretaria de Educação do Estado de São Paulo, Brasil, janainatunussi@yahoo.com.br

·Professora de Língua e Cultura Italianas no Centro Municipal de Línguas Antônio Houaiss, Prefeitura de Jundiá, São Paulo, Brasil, mesavietto@hotmail.com

Introdução

O ensino de uma língua estrangeira (doravante LE) tem tomado dimensões importantes nos tempos de hoje. A globalização e as mudanças no mundo tecnológico fizeram com que as proximidades entre as culturas se tornassem cada vez mais nítidas. Ensinar exige uma vivência intercultural, haja vista que aprender outro idioma não é abrir mão da sua língua materna (doravante LM) ou de outros idiomas adquiridos no decorrer dos anos, mas, sim, interligar culturas distintas para que a aprendizagem se efetive.

Fernández (2005, p. 100) afirma que “aprender uma língua estrangeira deve significar para o estudante uma ampliação do seu mundo, uma forma de conhecer o outro e, conseqüentemente, exercer a tolerância diante das diferenças”. O ensino de uma LE deve, portanto, trazer importantes reflexões acerca da língua e da cultura estudadas, para que essa formação propicie aos estudantes o desenvolvimento de um senso crítico apurado, tornando-os capazes de refletir sobre esse aprendizado.

Dessa forma, nota-se que o ensino de uma LE traz consigo a cultura do país (ou países) que fala(m) essa língua. Desatrelar língua e cultura é deixar uma parte da identidade de lado e, por conseguinte, não compreender os fenômenos e desenvolvimentos do idioma estudado como um todo.

Apesar de essencial, vê-se que o ensino intercultural não é muito constante durante as aulas de LE no Brasil. Seja porque não há muito tempo hábil para se trabalhar esse assunto, seja porque o enfoque na gramática é sempre privilegiado, em detrimento dos demais conhecimentos e habilidades.

Mesmo com todos os recursos à disposição, as aulas de LE ainda encontram-se estagnadas e presas a uma estrutura imposta pelo livro didático (doravante LD) e pela própria organização escolar. Sendo assim, faz-se necessário a inovação dentro desse ensino, para que, não só a cultura seja abordada de uma forma mais consistente, como, também, de uma maneira mais chamativa, mais envolvente para o aluno, promovendo a autonomia no ensino e nas buscas.

Diante dessa realidade, duas das autoras deste artigo, que atuam como professoras de Língua Italiana, uma entre os anos de 2007 e 2010, no CEL (Centro de Estudos de Línguas) de Mirassol/SP, e a outra, no Centro Municipal de Línguas Antônio Houaiss, Prefeitura de Jundiaí/SP, perceberam a necessidade de se trabalhar com as questões voltadas para a interculturalidade. Em questionários aplicados aos alunos, notaram que a questão do humor chamava a atenção de todos. Os estudantes sempre se interessavam por conteúdos dessa

natureza e, alguns, traziam piadas e vídeos humorísticos em Língua Italiana sempre que encontravam algo. Além disso, alguns vídeos se destacavam nas aulas, como o feito por Bruno Bozzetto,¹ que mostra a diferença de comportamentos entre os italianos e os europeus.

Fez-se necessário, então, um trabalho voltado para o uso do humor em sala de aula, que buscasse apresentar as questões interculturais de forma divertida, propiciando a participação e o interesse do aluno pela comparação entre a cultura do outro e a sua própria cultura.

Assim, dentre as diversas possibilidades para o desenvolvimento do ensino intercultural, este estudo enfoca o uso do humor, especialmente das histórias em quadrinhos (doravante HQs), para o ensino de Língua Italiana. Tendo em vista a amplitude dessa temática, optou-se por trabalhar com o fortalecimento da questão intercultural, apoiando-se em quadrinhos brasileiros que tiveram suas versões em Italiano publicadas, dando ênfase à proximidade entre a língua do aluno e a LE estudada.

O Ensino Intercultural de Línguas Estrangeiras

Definições de cultura

Existe uma grande dificuldade, em todas as áreas do conhecimento, em se definir cultura. Diversos autores defendem seus pontos de vista que estão sempre focados em suas áreas de pesquisa. Alves (2010) entende que:

Cultura é uma expressão utilizada para representar desde um conjunto de valores, tradições e capacidades inerentes à condição humana até a afirmação de identidades nacionais, de grupos e subgrupos. (ALVES, 2010, p.15).

Para o autor, cultura representa a identidade nacional. Ela adquiriu um conceito científico a partir do momento em que se definiu, que pode ser estudada de forma objetiva e sistemática, ou seja, é um fenômeno: “a) natural do ser humano b) dotado de causas e regularidades c) capaz de proporcionar a formulação de leis” (ALVES, 2010, p.34).

¹ Link para o vídeo disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=PPY9exksEMM>>. Acesso em: 30 de ago. 2015.

Nota-se, assim, que cultura é passível de estudos e que é necessário sistematizá-la para entender os processos que a envolvem. Contudo, o último item pode ser considerado como algo extremamente difícil de se concretizar, visto que formular leis para a construção da cultura é limitá-la e limitar sua abrangência. A partir dessa concepção, o autor afirma que a análise construtivista de cultura trouxe uma nova dimensão aos estudos, pois:

[...] uma característica fundamental da análise construtivista é a de que a cultura não se coloca como uma realidade já *dada* perante os indivíduos, mas é *constituída* na relação com os agentes sociais. Em outras palavras, a cultura é resultado dos processos ativos de produção de comportamentos, valores, princípios, que os indivíduos desenvolvem nas suas relações com as condições materiais e sociais do mundo em que vivem (ALVES, 2010, p.42).

Frente a todas essas possibilidades apontadas por Alves, a dificuldade em definir cultura fica mais nítida. São diversos fatores interligados, que ora delimitam demasiadamente, ora deixam sua definição muito ampla. Nesse sentido, Kramsch (1991) aponta que:

A dificuldade em lidar com este assunto reside na sua subjetividade inevitável e na relatividade. Diferentes países têm diferentes culturas políticas, diferentes estilos intelectuais, diferentes medos sociais, esperanças, orgulhos, diferentes significados e valores ligados à língua e a cultura deles mesmos. O uso comum americano da palavra cultura inclui tradições, crenças, instituições compartilhadas por um grupo social ou toda uma sociedade: tem um sabor etnográfico a ele. (KRAMSCH, 1991, p.217-218).²

A autora defende que há múltiplas visões de cultura e que a concepção adotada depende de fatores amplos, relacionados ao modo de vida de cada país. Essa afirmação também aparece explícita em Caune (2014):

A cultura não existe como fato total a não ser por conta de sua manifestação como expressão de uma experiência individual na qual se combinam o psiquismo e a corporeidade, os signos e os comportamentos, os valores e as normas (CAUNE, 2014, p. X).

² Tradução nossa a partir do original de Kramsch: *The difficulty in dealing with this topic lies in its unavoidable subjectivity and relativity. Different countries have different political cultures, different intellectual styles, different societal fears, hopes, prides, different meanings and values attached to language and culture them selves. The American common use of the word culture includes traditions, beliefs, institutions shared by a social group or a whole society: it has an ethnographic flavor to it.* (KRAMSCH, 1991, p.217-218)

Compreender, então, as questões culturais exige que se amplie a visão e se objetive aquilo que deseja definir como objeto de estudo. Os autores apontam sempre para diversas vertentes do significado de cultura e isso nos chama a atenção, visto que alguns aspectos que estão presentes em algumas definições tornam-se ausentes em outras.

Diante dessa realidade, faz-se necessário apontar uma definição mais próxima possível do que consideramos ser a ideal e que se encaixe no que desejamos como cultura: a ideia de um processo, construído e modificado pelos membros da sociedade em que essa se insere.

Celentin e Serragioto (1998/1999) demonstram que aprender uma LE exige também uma “aculturação”, por meio do qual o aluno passa, não só conhecer a cultura do outro, mas, também, usá-la para se expressar na LE estudada:

A aculturação pode compreender diversos estados de acordo com as exigências do aluno: pode passar de um nível mínimo de conhecimento básico, para propósitos necessários (nível limiar), até um nível de falante nativo, onde a pronúncia e os gestos são muito similares, se não iguais, àqueles dos nativos. (p. 1)³

Tendo em vista essa definição, deve-se, ainda, selecionar quais aspectos culturais serão levados em consideração no ensino de uma LE. Escolheu-se, aqui neste estudo, trabalhar as questões de proximidade entre a LM e a LE estudada.

O domínio da cultura do outro é parte constituinte do processo de ensino-aprendizagem, visto que não se pode simplesmente focar em apenas um aspecto da língua se não conhecemos a motivação ou não entendemos o significado do que nos é dito.

Segundo Kramsch (1996), a cultura não deve, de forma alguma, ser dissociada da aprendizagem da língua. Para tanto, é importante salientar que a definição de cultura a ser adotada tomará por base a ideia de que:

Uma das principais maneiras pelas quais a cultura se manifesta é por meio da linguagem. A cultura material é constantemente mediada, interpretada e gravada – entre outras coisas – por meio da linguagem. É por causa desse papel mediador da linguagem que a cultura torna-se a preocupação do professor de línguas. A cultura, em última análise, é sempre linguisticamente

³ Tradução nossa a partir do original de Celentin e Serragioto: *L'acculturazione può comprendere diversi stadi a seconda delle esigenze dell'apprendente: si può passare da un livello minimo di conoscenza di base per scopi necessari (livello soglia), fino ad un livello di parlante nativo dove la pronuncia e i gesti sono molto simili se non uguali a quelli dei nativi.* (CELENTIN, P.; SERRAGIOTTO, G., 1998/1999, p. 1)

mediada por membros em uma comunidade do discurso, que é real e imaginável. A língua desempenha um papel importante não só na construção da cultura, mas no surgimento de alteração cultural. Para ter certeza, o otimismo dos anos sessenta e início dos setenta, no que diz respeito à possibilidade de mudar as atitudes das pessoas, dando-lhes um novo vocabulário para a construção de realidades sociais (sejam elas nacionais, de gênero, ou realidades raciais), deram lugar a uma avaliação muito mais sóbria do espaço limitado dos professores de línguas para manobras contra as forças ideológicas institucionais mais poderosas (FAIRCLOUGH, 1989). Contudo, esse poder não é monolítico e a educação nunca trouxe uma mudança direta e imediata. A mudança social ocorre lentamente, mas, inevitavelmente, nas extremidades das culturas dominantes. É também verdade a mudança que nós podemos querer trazer ao ensinar as pessoas a usar o código linguístico de outras pessoas no contexto cultural de outras. Ensinar os membros de uma comunidade a falar e como se comportar no contexto de uma outra comunidade discursiva, potencialmente muda a equação social e cultural de ambas as comunidades, por sutilmente diversificar as culturas tradicionais.⁴ (KRAMSCH, 1996, p.3).

Sendo assim, o que se entende é que aprender a cultura está intrinsecamente ligado a cada passo da aprendizagem da língua, pois ambas estão interrelacionadas. Dessa forma, Byram (1997) apresenta algumas formas de estabelecer o ensino-aprendizagem de línguas por meio da cultura, apresentando os seguintes esquemas:

A aprendizagem e o ensino podem ser rapidamente estabelecidos, por exemplo:

- A relação entre 'a' cultura estrangeira, ou a percepção dela, e a motivação para a aprendizagem;
- A relação entre a aprendizagem de línguas e atitudes para e/ou percepções de outras culturas e povos;
- A relação entre as metodologias de ensino e o conhecimento sobre outras culturas;
- A relação entre aprendizagem (sobre) outra cultura e as percepções dos alunos e/ou atitudes em relação a sua própria cultura;

⁴ Tradução nossa a partir do original de Kramsch: *One of the major ways in which culture manifests itself is through language. Material culture is constantly mediated, interpreted and recorded — among other things — through language. It is because of that mediatory role of language that culture becomes the concern of the language teacher. Culture in the final analysis is always linguistically mediated membership into a discourse community, that is both real and imagined. Language plays a crucial role not only in the construction of culture, but in the emergence of cultural change. To be sure, the optimism of the sixties and early seventies concerning the possibility of changing people's attitudes by giving them a new vocabulary to construct social realities (whether they be national, gendered, or racial realities) have given way to a much more sober assessment of language teachers' limited room for manoeuvre against more powerful institutional ideological forces (FAIRCLOUGH, 1989). However, this power is not monolithic and education has never brought about change directly and immediately. Social change occurs slowly, but inevitably at the edges of dominant cultures. This is true also of the change that we might want to bring about by teaching people how to use somebody else's linguistic code in somebody else's cultural context. Teaching members of one community how to talk and how to behave in the context of another discourse community potentially changes the social and cultural equation of both communities, by subtly diversifying mainstream cultures.* (KRAMSCH, 1996, p.3)

- A relação entre o ensino da cultura (ou a falta dele) e a aprendizagem de vocabulário;
- A relação entre a aprendizagem da cultura e o desenvolvimento de identidades sociais específicas, particularmente identidade nacional.⁵ (BYRAM, 1997, p. 151).

Tomando por base essas vertentes, Byram (1997) afirma que a melhor forma de se trabalhar as questões culturais seria por meio do desenvolvimento, por parte do aluno, da compreensão da cultura a ser aprendida, juntamente com a LE, pois, dessa forma, a ideia do aprendido é de fato fortalecida.

Várias são as abordagens possíveis para o ensino de uma LE, mas, é de extrema importância traçar a relação com a cultura da língua a ser aprendida. Essas relações acabam gerando comparações, aproximações ou distanciamentos da língua-alvo. Sendo assim, para elaborar uma proposta que seja condizente com a sociedade globalizada em que vivemos, parte-se do trabalho intercultural no ensino de línguas e sua aplicação em aula de LE.

A interculturalidade e a autonomia do aluno

O ensino de línguas traz consigo um conjunto de conceitos teóricos sobre a sua natureza e sobre o processo de ensino-aprendizagem, que são fundamentais ao desenvolvimento desse. É a abordagem de ensino adotada pelo professor (ALMEIDA FILHO, 1993) que vai determinar a forma como a língua será ensinada em sala de aula, o que, ao longo dos anos, tem sofrido diversas alterações.

Mittmann (2007) afirma que é a concepção que se tem de língua e de sujeito que vai determinar a forma como o idioma será trabalhado e constituído. A postura adotada pelo professor frente à LE que ensina é que vai determinar o andamento da aprendizagem de seus alunos. E é nessa concepção que entra a necessidade de modificar a imagem que se tem da sala de aula para que a aprendizagem de uma língua possa se dar, também, por meio de outras ferramentas.

⁵ Tradução nossa a partir do original de Byram: *Learning and teaching can be quickly established, for example:*
 - *The relationship between 'the' foreign culture, or perceptions of it, and the motivation for learning*
 - *The relationship between language learning and attitudes to and/or perceptions of other cultures and peoples*
 - *The relationship between teaching methodologies and knowledge about other cultures*
 - *The relationship between learning (about) another culture and learners' perceptions of and/or attitudes towards their own culture*
 - *The relationship between culture teaching (or absence thereof) and vocabulary learning*
 - *The relationship between culture learning and the development of specific social identities, particularly national identity.* (BYRAM, 1997, p. 151).

Considerando o panorama das evoluções das abordagens de ensino, temos na abordagem comunicativa uma maior interação por parte do aluno, que se transforma em sujeito do próprio desenvolvimento cognitivo, tornando-se capaz de raciocinar sobre o que aprende e de selecionar os aspectos relevantes dentro desse processo.

Moita Lopes (1996) aponta para o fato de o ensino de línguas no Brasil não ter estrutura suficiente para se trabalhar nas escolas públicas por completo a abordagem comunicativa, o que acaba por torná-lo totalmente centrado no LD, com poucos materiais extras. Ele ainda ressalta que o objetivo central no ensino de uma LE é formar um aluno que adquira independência e continue seus estudos com autonomia após passar pela sala de aula. Assim sendo, é imprescindível que todas as dimensões da aprendizagem sejam acionadas durante o estudo na escola, desenvolvendo cada uma das competências e habilidades essenciais, a saber: competência escritora, competência leitora, compreensão auditiva e expressão oral. Para tanto, o aluno deve identificar-se com a língua estudada, o que cria um ambiente favorável à interculturalidade e à aculturação, fatores que são determinantes na efetiva aprendizagem de uma LE, que deve significar abrir-se para o mundo, entender o outro e aceitá-lo. Para que ocorra uma efetiva aprendizagem da língua é necessário que o estudante autorize-se a falar em primeira pessoa e, para tanto, deve estruturar seu aprendizado na sua LM. A forma como o falante se relaciona com a sua língua e com a sua cultura determinará as atitudes e pensamentos diante da língua e da cultura de outros países.

Não estamos falando aqui que o falante da LE vai basear-se sempre na sua LM para produzir, mas, que a aprendizagem se efetiva por meio de comparações (aproximações e afastamentos), que vão constituindo o sujeito-falante. Por isso, cabe ao professor levar em consideração que o aluno já foi constituído em outra língua e que vem para a sala de aula repleto de sentidos, significados e sons pertencentes a ela, afetando diretamente o aprendizado de uma nova.

Esse “permanecer” na LM pode trazer benefícios por meio das comparações iniciais, mas pode prejudicar quando não superado. Revuz (1998, p.227) afirma que “quanto melhor se fala uma língua, mais se desenvolve o sentimento de pertencer à cultura, à comunidade acolhida, e mais se experimenta um sentimento de deslocamento em relação à comunidade de origem”. Sendo assim, se o aluno se prende a sua LM por medo ou receio desse deslocamento, acaba estagnando no aprendizado, visto que, apesar de dominar regras, pode não querer afastar-se de sua LM para não distanciar-se de sua identidade.

É na vivência do mundo do outro, no conhecimento/descobrimto de uma cultura diferente/próxima que o sujeito se constitui como falante de uma LE e aceita as novas

informações como parte da sua vida. É, dessa forma, que a questão do humor aparece como uma possibilidade de traçar relações entre a cultura brasileira e a italiana.

Com o exposto, a proposta aqui levantada é um trabalho com as HQs, de modo a fazer com que o aluno busque aproximações, por meio de quadrinhos já conhecidos na LM, para o ensino-aprendizagem da LE, e, com isso, proporcionar a ele experiências próximas de sua vivência diária.

As histórias em quadrinhos (*i fumetti*) no ensino-aprendizagem de LE/Italiano

Com a ascensão do ensino intercultural, surgem diversas formas de se ensinar a cultura de uma LE. Observando as produções dentro desse campo de ensino, deparamo-nos com a possibilidade de se trabalhar o humor em sala de aula de Língua Italiana. Concordamos com Schmitz, que afirma que:

O humor é um fenômeno humano básico, que todas as culturas, sociedades e classes sociais conhecem.
[...] É difícil de se pensar numa sociedade ou grupo que não conheça alguma manifestação de humor. (SCHMITZ, 1996, p. 94).

De fato, o humor, o cômico, o riso e o risível vêm sendo preocupações permanentes do homem. Segundo Morreall (1997), humor e riso são componentes básicos da existência humana e estão entre as mais antigas e mais poderosas manifestações sociais que os seres humanos possuem, pois desde os filósofos pré-socráticos já é possível encontrar evidências de estudos dessa natureza.

Dessa forma, a escolha do humor se deve ao fato de nossas pesquisas (MARGONARI, 2006 e 2001; OLIVEIRA, 2015 e MARGONARI, OLIVEIRA e SAVIETTO, 2015) procurarem encontrar formas de se ensinar por meio desse recurso didático e da interculturalidade.

A proposta aqui presente é o trabalho com as HQs, que, em Italiano, são chamadas de *fumetti*. Pessoa (2014), ao discorrer sobre a construção dos quadrinhos, afirma que o balão de texto tornou-se um signo muito importante dentro dessa área e que, por isso, alguns países como a Itália adotaram a sua simbologia como nome. Dessa forma, em italiano, as HQs são conhecidas como *fumetti*, não fazendo alusão aos quadrinhos, mas aos balões, que, para os italianos, são como “fumaças” dos pensamentos e falas dos personagens.

Compreendemos HQs na perspectiva de Ramos, 2011, que define quadrinhos como:

[...] narrativa maior que um quadro ou uma tira, que tendem a usar o formato mínimo de uma página e costumam ser identificados pelo tema abordado – faroeste, super-heróis, infantis, humor, mistério, terror, aventura, romance, fotonovela, detetive, ficção científica, guerra, biografia, autobiografia, erótico, adaptações literárias, mangá (nome dos quadrinhos japoneses, que possui gêneros próprios), jornalismo em quadrinhos, entre outras possíveis ocorrências. (RAMOS, 2011, p. 90).

Os quadrinhos não necessariamente precisam ser humorísticos, conforme aponta Travaglia. Eles podem ser de “gêneros eventualmente humorísticos” (TRAVAGLIA, 2015, p. 62-63), mas, em nosso caso, procuramos trabalhar com aqueles que contenham humor.

Para que as HQs sejam introduzidas no ensino da LE, o professor de Italiano deve esforçar-se ao máximo em complementar seu material de ensino, uma vez que os LDs apresentam insuficiência nos aspectos culturais, como já citado anteriormente. O LD é um guia importante, mas não deveria ser o elemento central de qualquer curso de idioma. Por isso, também sugerimos a busca de materiais autênticos para complementação e motivação dos aprendizes. A Internet é uma ferramenta que proporciona apreensão de material audiovisual diversificado e, nessa direção, o docente pode enriquecer suas aulas, considerando as necessidades dos alunos, estimulando-os cada vez mais a se comunicarem em Italiano. A proposta do trabalho com as HQs insere-se como uma possibilidade dentro dessa perspectiva.

O que se tem notado em algumas editoras italianas voltadas para o ensino da língua para estrangeiros é uma maior oferta de materiais diferenciados nos cursos do idioma. Tivemos a oportunidade de verificar esse fato em 10 de julho deste ano (2015), data na qual várias editoras reuniram-se em Veneza para uma feira e para cursos de formação de professores intitulada *Fieritals*⁶, com o apoio da Universidade Italiana *Ca' Foscari* de Veneza. Nessa feira, foi possível, não apenas inteirar-se de novidades que ainda nem chegaram ao Brasil, mas, também, conhecer outras fontes de recursos didáticos que ultrapassam o LD e são acessíveis graças à Internet. Uma dessas fontes foi-nos apresentada durante a palestra intitulada “*Almatv* cresce: todas as novidades da primeira Webtv dedicada à língua e à cultura italianas.”

A palestra deu visibilidade ao site dessa editora,⁷ com 14 canais, em Italiano, 14 rubriche, sendo eles: *Os meus preferidos*, *Gramática café*, *Ensinar Italiano*, *Viagem com*

⁶ Feira organizada pelo *Laboratório Itals*, um dos quatro laboratórios que desenvolvem pesquisas e formação no setor da didática das línguas e da comunicação, pertencentes ao Centro de Didática das Línguas, o Departamento de Estudos Linguísticos e Culturais Comparados da Universidade *Ca' Foscari*, do qual é diretor o linguista italiano, Prof. Dr. Paolo Balboni.

⁷ Site da editora Alma: <<http://www.almaedizioni.it/it/almatv/>>. Acesso em: 30 ago. 2015.

Dante, Viagem com Sara, O Italiano com quadrinhos, O Italiano com cinema, Língua-quiz, O Italiano para crianças, A taberna do livro italiano, Vá para aquele lugar, Vídeo-curso, Os nossos vídeos e Notícias Extras.

Todos os canais são muito interessantes, mas, um deles destaca-se por ser focado na aprendizagem por meio dos quadrinhos. Nele, por enquanto, temos *Rigoletto*, a versão animada de uma *graphic novel* inspirada na célebre ópera de Giuseppe Verdi, em cinco episódios, devidamente indicada para alunos de nível intermediário. Além dessa, temos *O mistério de Casanova*, em seis episódios, outra versão animada de uma *graphic novel* que tem como protagonista a cidade de Veneza e o seu Carnaval. É interessante notar que para *O mistério de Casanova*, a indicação não diz respeito ao nível de estudo, mas ao nível de compreensão, pois é considerada *facile*, isto é, fácil, podendo, assim, ser vista e estudada por todos os estudantes e indicada para as classes multisseriadas⁸, muito comuns nos Centros de Estudos de Línguas (CELs) das escolas públicas do estado de São Paulo.

É interessante ressaltar que, ultimamente, há um fenômeno mundial de adaptação para os quadrinhos histórias de personagens famosos, livros da literatura mundial, óperas, etc., como pudemos observar no canal da *Almatv*. Educativamente falando, é muito positivo e altamente motivante trabalhar com tais quadrinhos, pois despertam a curiosidade dos alunos para os aspectos históricos e culturais relevantes da língua estudada, de forma lúdica e facilitada, promovendo uma espécie de “trampolim” para a posterior leitura da obra original.

Os quadrinhos da *Almatv* são audiovisuais; portanto, além de ler e ver as imagens, há um narrador, o que possibilita contemplar o trabalho do professor com as quatro habilidades: ouvir e ler enquanto se passa o vídeo e, posteriormente, falar e escrever quando se discute o que se compreendeu e se pede para que escrevam as próprias impressões, ou seja, façam um pequeno comentário ou, ainda, criem outros quadrinhos, outras histórias.

La Banda di Monica

Uma outra sugestão para se fazer atividades com o uso de material autêntico e também intercultural é, além de trabalhar com as HQs da *Almatv*, apresentar as da Turma da Mônica (*La Banda di Monica*) em Italiano.

Na Itália, além dos gibis, as histórias da Mônica foram transmitidas pela Rai2, televisão italiana, na versão em desenho animado. Ainda podem-se encontrar na Internet

⁸ As classes multisseriadas são constituídas por alunos com níveis educacionais diferentes.

alguns vídeos e a música de abertura da animação. No site da *Panini Comics*⁹, uma editora italiana, há um livro intitulado *La Banda di Monica: Un mondo di fumetto*, que é uma coletânea das mais belas histórias da Turma da Mônica. A resenha apresentada no livro, inclusive, considera o autor de todas elas, Maurício de Souza, o “*Walt Disney brasileiro*”, e relata que as histórias da turminha já foram traduzidas para catorze idiomas.

Com o objetivo de desenvolver a compreensão e a produção oral e escrita dos alunos, diferenciando as estratégias e os códigos linguísticos nas HQs em Língua Italiana e Portuguesa, podem-se propor atividades de descrição dos personagens, muitos dos quais já são familiares aos estudantes, por integrarem o universo das histórias infantis que eles leem ou já leram.

É importante revelar os nomes que os personagens adotam na LE estudada. Em Italiano, apenas Mônica e Magali continuam com os nomes inalterados – o que nos remete ao fato de o nome dessas duas personagens serem os nomes reais das filhas de seu autor, Maurício de Souza –, apesar de Mônica em Italiano não possuir acento. Cebolinha é *Cipollino* e recebe essa denominação porque seus cabelos lembram uma cebola; Cascão é *Patacca*, que em Italiano quer dizer sujeira; Franjinha é *Frangetta*; Bidu, o cão do Franjinha, é *Blu*, pois azul é a sua cor; o coelho Sansão da Mônica, em Italiano, se chama *Sansone* e Mingau, que é o gato da sorte da Magali, em Italiano se chama *Vaniglia*, que em Português significa baunilha.

Esse tipo de abordagem, comunicativa, intercultural, de forma contextualizada e lúdica, facilita a aquisição e fixação da LE, pois resgata elementos do conhecimento prévio de mundo dos aprendizes, motivando-os a produzirem na língua-alvo, interagindo e participando mais em aula.

Apresentamos, a seguir, os personagens descritos na revista *La Banda di Monica*, publicada na Itália pela *Devir Italia*, em 2004, cujas informações podem ser consultadas nas referências.

Personagens e tradução

<i>Monica</i>

⁹ <<http://www.paninicomics.it/web/guest/productDetail?viewItem=649995>>. Acesso em: 30 ago. 2015.

Come protagonista del grupo, Monica merita una presentazione particolare! Vivacissima e spiritosa, è spesso vittima degli scherzi di Cipollino che la prende in giro per i suoi “dentoni”. Monica non si avvilisce, ma reagisce con spirito e grande....energia!

Con la sua personalità vulcânica, Monica difende non solo la sua posizione di “capo” ma anche tutti i suoi amici!!!

Mônica

Por se a protagonista do grupo, Mônica merece uma apresentação especial! Muito vivaz e espirituosa, é frequentemente vítima das gozações do Cebolinha, que tira sarro dos seus “dentões”. Mônica não se torna vilã, mas reage com disposição e muita... energia!

Com a sua personalidade vulcânica, Mônica defende, não apenas a sua posição de “chefe”, mas, também, todos os seus amigos!!!

Cipollino

Insieme al suo amico Patacca, pensa e sogna dei piani “infallibili” contro Monica. Alla fine, però i due devono sempre finire per riconoscere che lei è la più forte. Parla con la “r” moscia, al posto della “r” dice la “l”.

Cebolinha

Junto ao seu amigo Cascão, pensa e sonha alguns planos “infalíveis” contra a Mônica. Mas, no final, os dois têm de reconhecer sempre que ela é a mais forte. Fala com o “r” fraco, no lugar do “r” diz “l”.

Patacca

È il migliore amico di Cipollino, ma parla troppo e finisce sempre per rovinare i suoi diabolici piani contro la Monica. Adora giocare a calcio e odia l’acqua, per questo non fa mai la doccia e da qui il suo nome.

Cascão

É o melhor amigo do Cebolinha, mas fala demais e acaba sempre por arruinar os seus diabólicos planos contra a Mônica. Adora jogar futebol e odeia água, por isso nunca toma banho e... daí vem o seu nome.

Magali

È la migliore amica di Monica, ma ha un solo punto debole: è una gran mangiona. Divora qualsiasi cosa che le capiti sotto tiro, soprattutto il cocomero, il suo frutto preferito. Il suo portafortuna è un gatto supermorbido chiamato Vaniglia.

Magali

É a melhor amiga da Mônica, mas tem apenas um ponto fraco: é uma grande comilona. Devora qualquer coisa que lhe apareça na frente, principalmente a melancia, a sua fruta preferida. O seu amuleto da sorte é um gato super macio chamado Mingau.

Constatamos que o humor nas HQs da Turma da Mônica é mantido quando temos em mãos a sua versão em Italiano *La Banda di Monica*, tendo em vista que os aspectos culturais trabalhados não são reflexões acerca da política ou temas de difícil compreensão, mas, o cotidiano de uma turma de amigos (crianças), com características próprias, que encontram maneiras peculiares para se divertir.

As características dos personagens são as mesmas, tanto na versão brasileira, quanto na italiana. Por isso, os alunos reconhecem as personagens por já conhecê-las em LM e, portanto, são familiares e de fácil compreensão em LE. Observamos que as histórias foram apenas traduzidas, não havendo a criação de novas aventuras em Italiano, mas a versão das brasileiras na língua estudada, o que mantém ainda mais a proximidade na leitura.

Mônica, personagem central já detalhada anteriormente, é sempre alvo dos *piani infallibili* (planos infalíveis) da dupla Cebolinha e Cascão, que todas as vezes acabam em desastre – o plano nunca é concretizado e Mônica vai em busca de bater nos dois. A garota é perseguida por suas características físicas (“baixinha, gorducha e dentuça”), semelhantemente aos quadrinhos brasileiros. Já na versão em Italiano, as principais histórias traduzidas foram as que os garotos aprontam ao amarrar as orelhas de seu bichinho de pelúcia, Sansão.

Contudo, Mônica não é uma criança que aceita passivamente as ações dos amigos, sempre “vencendo” a disputa com seus colegas ao dar-lhes “coelhadas”. No entanto, está disposta a defendê-los quando se encontram em perigo.

Magali pensa em comida a todo tempo, por isso mesmo a versão em Italiano traduziu o nome de seu gato de *Mingau* para *Vaniglia*, com o objetivo de manter o humor no fato de a menina falar única e exclusivamente desse assunto, e não conseguir pensar em outra coisa. Em *La Banda di Monica*, ela mantém seu apreço por melancia (*cocomero*), fruta que também é comum na Itália e muito degustada no verão, símbolo da festa de Ferragosto (feriado de 15 de agosto).

A troca do R pelo L feita por Cebolinha também se mantém na versão italiana, sempre destacando a palavra em negrito, para deixar claro ao leitor que ela está modificada e não está dentro da ortografia da língua. Cascão, como já citado, recebe uma mudança de nome para que a ideia de sujeira possa continuar presente na LE.

Esta breve análise destaca a importância das semelhanças para o trabalho com as HQs em LE. Ao deparar-se com personagens já conhecidas, o aluno encontra um apoio para entender expressões da língua-alvo. Como exemplo, identificamos facilmente que algumas expressões que *Cipollino* e *Patacca* utilizam para falar da Monica são xingamentos, e não palavras de carinho; além de nos possibilitar compreender que, muitas vezes, Magali foge do assunto quando se lembra de alguma comida (fato que traria dificuldade à compreensão, caso o leitor não tivesse o domínio das características das personagens); entre outros aspectos que se repetem nas histórias em Português e Italiano.

Considerações finais

O trabalho aqui buscou determinar aspectos importantes dentro do ensino intercultural por meio do humor e as contribuições que ele pode trazer para a aprendizagem da língua, visando, nesse caso, o uso das HQs em Italiano, que podem fortalecer a questão intercultural e fazer com que o aluno trace comparações entre a cultura do outro e a sua própria cultura.

Celentin e Serragiotto apontam a relevância do trabalho do professor ao explorar as diferenças culturais:

Para analisar estas diferenças culturais, podem-se usar vários métodos: a comparação, a criação de situações ou de simulações, o esclarecimento de mal entendidos por meio dos jornais, da mídia ou de grupos isolados. Trata-

se, assim, de fazer mais do que falar de valores culturais, fazer de acordo com esquemas diferentes da própria cultura. O professor não deve levar em conta apenas a cultura da língua que deve ser aprendida, mas, também, a cultura do aprendiz, as dificuldades que ele poderá ter, os problemas que encontra ao se deparar com culturas diversas, de modo que o ensino se torne rentável por meio da aplicação na vida.¹⁰ (CELENTIN, P.; SERRAGIOTTO, G., 1998/1999, p. 4).

Diante de todas essas ferramentas, o professor deve decidir sobre qual abordagem será mais eficaz para proporcionar que a interculturalidade e o humor favoreçam a construção de uma proximidade entre LM e LE.

Dessa forma, os alunos poderão identificar-se com a cultura do outro por meio dos discursos que se assemelham e do humor, que podem ser trazidos a eles por meio da Internet e de outros recursos midiáticos existentes.

Nota-se que é a partir da reflexão e da investigação em sala de aula que o professor pode constatar lacunas ou deficiências em seu LD, que, muitas vezes, só emergem com a utilização do mesmo, não sendo detectadas na fase de análise e seleção do material, por exemplo. A não promoção da motivação adequada para os alunos pode levar ao desinteresse pela aprendizagem, proporcionado pela rotina do LD. Consciente disso, o docente pode propor atividades extras com jogos comunicativos e textos autênticos, como as HQs, retirados da Internet para estimular os alunos a discutir em Língua Italiana, suprimindo, assim, a falta de atividades dedicadas às questões interculturais do LD.

Referências

ALMEIDA FILHO, J. C. P. de. *Dimensões comunicativas no ensino de línguas*. Campinas, SP: Pontes, 1993.

ALVES, P. C. (Org.) *Cultura: múltiplas leituras*. Bauru, SP: EDUSC; Salvador: EDUFBA, 2010.

¹⁰ Tradução nossa a partir do original de Celetin e Serragioto: Per analizzare queste differenze culturali si possono usare vari metodi: la comparazione, la creazione di situazioni o di simulazioni, il chiarimento dei malintesi attraverso i giornali, i media o l'isola classe. Si tratta quindi di fare più che di parlare di valori culturali, fare secondo schemi diversi dalla propria cultura. L'insegnante non deve tener conto solo della cultura che deve essere appresa, ma anche della cultura del nativo, le difficoltà che lui potrebbe avere, le problematiche che si trova ad affrontare, in modo che l'insegnamento diventi proficuo attraverso l'aggancio alla vita normale. (CELENTIN, P.; SERRAGIOTTO, G., 1998/1999, p.4)

BYRAM, M. *Teaching and Assessing Intercultural Communicative Competence*. Clevedon: Multilingual Matters, 1997.

CAUNE, J. *Cultura e comunicação: convergências teóricas e lugares de mediação*. Trad.: Laan Mendes de Barros. São Paulo: Editora UNESP, 2014.

CELENTIN, P.; SERRAGIOTTO, G. *Il fattore culturale nell'insegnamento della lingua*. 1998-1999. Disponível em: <http://venus.unive.it/aliasve/index.php?name=EZCMS&page_id=433>. Acesso em 12 maio 2012.

FERNÁNDEZ, S. I. G. Ensinar/aprender Espanhol entre brasileiros: visão transcultural. In: SEDYCIAS, J. (Org.) *O ensino do Espanhol no Brasil: passado, presente, futuro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005. p. 97-128.

KRAMSCH, C. Culture in Language Learning: A View From the United States. In: BOT, K. D., KRAMSCH, C., GINSBERG, R. B. (Orgs.). *Foreign Language Research in Cross-Cultural Perspective*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1991. p. 217-240.

_____. The Cultural Component of Language Teaching. In: *Zeitschrift für Interkulturellen Fremdsprachenunterricht* [Online], 1(2), 13 pp., 1996. Disponível em: <http://www.spz.tu-darmstadt.de/projekt_ejournal/jg_01_2/beitrag/kramsch2.htm>. Acesso em 05 out. 2014.

La Banda di Monica, ano 1, n. 5. Milão: Devir Italia, 2004.

MARGONARI, D. M.; OLIVEIRA, J. T de; SAVIETTO, M. E. O Humor como recurso didático no ensino-aprendizagem de Língua Estrangeira/Italiano: trabalhando com Histórias em Quadrinhos, Charges e Memes. In: MODENESI, T. V.; BRAGA JR., A. X. (Orgs.) *Quadrinhos e Educação: procedimentos didáticos*. v. 2. Jaboatão dos Guararapes: SOCEC, 2015, p. 177-188.

MARGONARI, D. M. *A Competência Humorística e a Criatividade no processo de formação de professores de Língua Inglesa*. 2006. 213 f. Tese (Doutorado em Educação Escolar) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2006.

_____. *O Papel do Humor no processo de ensino-aprendizagem de Língua Inglesa*. 2001. 181 f. Dissertação (Mestrado em Educação Escolar) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2001.

OLIVEIRA, J. T. de. *O humor no ensino de italiano língua estrangeira*. 2015. 137 f. Dissertação (Mestrado em Língua, Literatura e Cultura Italianas) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

MITTMANN, S. Formação do leitor: o que o ensino de gramática tem a ver com isso? In: CAZARIN, E. A.; RASIA, G. S. (Orgs.). *Ensino e aprendizagem de línguas: Língua Portuguesa*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2007, p. 81-105.

MOITA LOPES, L. P. da. *Oficina de Lingüística Aplicada*. Campinas: Mercado das Letras, 1996, p. 63-78.

MORREALL, J. *Humor Works*. Amherst/Massachusetts: HRD, 1997.

PESSOA, A. R. *A linguagem dos quadrinhos: definições, elementos e gêneros*. Paraíba (João Pessoa): Marca de Fantasia, 2014.

RAMOS, P. *Faces do Humor: uma aproximação entre piadas e tiras*. Campinas: Zarabatana Books, 2011.

REVUZ, C. A língua estrangeira entre o desejo de um outro lugar e o risco do exílio. In: SIGNORINI, M. I. et al (Org). *Língua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado*. Campinas: Mercado das Letras, 1998, cap. 2, parte III.

SCHMITZ, J. R. Humor: é possível traduzi-lo e ensinar a traduzi-lo? *Tradterm*, São Paulo, v. 3, p. 87-97, 1996.

TRAVAGLIA, L. C. Texto humorístico: o tipo e seus gêneros. In: CARMELINO, A. C. (Org.) *Humor: eis a questão*. São Paulo: Cortez, 2015, p. 49-90.

Artigo recebido em: 01/09/2015

Artigo aceito em: 27/11/2015

Artigo publicado em: 01/12/2015